

O grande desafio global para os talentos brasileiros

Sérgio Rial

O Brasil vem passando por um momento importante de internacionalização de sua economia, particularmente desde o início dos anos 90. Esse movimento tem proporcionado novas oportunidades para executivos brasileiros, que são vistos cada vez com mais frequência ocupando cargos de destaque em vários países, tanto em empresas brasileiras com presença no exterior quanto em multinacionais.

No mundo corporativo atual, o grande desafio é gente e não mais capital e tecnologia. Dizem que a qualidade da liderança de uma empresa é percebida já na sua recepção: o ar rapidamente denota se estamos em uma atmosfera de primavera no campo ou de verão na caatinga.

Provavelmente, nos próximos vinte anos, os brasileiros dividirão espaço no conselho das multinacionais com chineses, indianos, russos e mexicanos- executivos cujas nacionalidades vêm apresentando potencial para, assim como a brasileira, desenvolverem um futuro promissor. É interessante para o Brasil- e para as grandes empresas que aqui atuam- ter brasileiros em posições de comando, conferindo, assim, maior credibilidade ao país. Mas, para ocuparmos esses espaços no mundo globalizado é preciso ter foco no desenvolvimento e na capacitação. Não significa apenas desenvolver melhor as habilidades técnicas escolhidas para o seu futuro profissional, mas, fundamentalmente, criar situações em que possam estar expostos ao ambiente globalizado.

Negociar com pessoas de outras geografias exige conhecer sua cultura, hábitos e costumes, falar o seu idioma com fluência. O inglês "macarrônico" ou o "portunhol", exemplos referidos de forma caricata, não são suficientes. É fundamental que os executivos participem, que tenham disponibilidade para residir em outro país, que estejam abertos para conhecer e compartilhar outras culturas, que entendam as diferenças e as respeitem. Em outras palavras, liderar em um mundo mais complexo do que no tempo em que o Brasil era uma economia fechada.

O líder traz integridade e capacidade emocional para as empresas. No século XXI esse diferencial será ainda mais notado no ambiente de trabalho e a liderança deve surgir naturalmente. Porém, é preciso desenvolvê-la e lapidá-la. Liderança não vem com o status social ou mesmo corporativo. A habilidade e o comprometimento em desenvolver o líder que existe em cada um de nós são atributos que diferenciam a empresa de hoje em relação a todas as outras, que ainda acreditam em crescimento de forma tradicional e em comportamentos estereotipados de sucesso.

O brasileiro possui características muito vantajosas no mundo corporativo. Sabemos ouvir e entender com rapidez e perspicácia e, além de tudo, somos conciliadores. Mas para o Brasil ser reconhecido por seus talentos, é preciso tirar o rótulo de que sabemos apenas obedecer e precisamos mostrar que sabemos liderar. É preciso desenvolver, por exemplo, um certo rigor para o momento de deparar-se com negociações.

Explorar a liderança de cada um, para mim, não é papel apenas das universidades que estão formando profissionais, é também das empresas que têm o papel de desenvolvê-los. Se a empresa cria líderes, gera receita, cria condições para dar suporte ao seu crescimento. O entrosamento entre o mundo corporativo, as universidades e as entidades de classe possibilita a dissiminação de uma cultura de aprendizado, em que a liderança se transforme na síntese da capacidade de execução de um profissional.

A cultura de números e a eficácia só têm sentido se existir um ambiente em que cada pessoa é estimulada a transcender suas fronteiras imaginárias no âmbito emocional ou mesmo intelectual. Esse esforço corporativo é que faz com que o impossível se torne a meta cotidiana de cada um. As empresas têm o desafio de gerar valor diferenciado por meio de suas pessoas. É a qualidade da

máquina humana que serve de gatilho para a evolução e a inovação. São os líderes que transformam produto em sistemas, idéia em solução, grande empresa em empresa líder.

Os líderes devem capacitar-se emocionalmente, fortalecendo seus valores éticos e reforçando seus princípios pessoais. A comunhão de quem somos com o que fazemos é fundamental para o sucesso de um projeto pessoal ou mesmo empresarial. E, para assumir um papel desses, em qualquer país do mundo, nós brasileiros precisamos estar preparados. É nessa comunhão que se dá a verdadeira liderança de uma empresa.

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 24 mar. 2008, Eu&Carreira, p. D6.

A utilização deste artigo é exclusivo para fins educacionais.